



sauvage innocence

2001 . FR . 117'

realização

Philippe Garrel

argumento . adaptação . diálogos

Philippe Garrel

Marc Cholodenko

Arlette Langmann

música

Jean-Claude Vannier

imagem

Raoul Coutard

André Clément

Jean-César Chiabaut

montagem

Françoise Colin

Alexandra Strauss

som

Alexandre Abrard

> [Quero agradecer aqui aos alunos do 1º ano de Cinema da UBI (2004/05), que influenciaram as linhas que se seguem.]

Conheci tarde os filmes de Philippe Garrel. Vi *Le Vent de la Nuit* em 1998, em Paris, quando estreou: Catherine Deneuve e o quadro apertado sobre o seu corpo e os seus gestos. Vim depois a ver quase tudo o que Garrel fez num ciclo da Cinemateca Portuguesa, no final da Primavera de 2003. Ter visto os seus filmes ajudou-me muito num texto que na altura estava a concluir.

Philippe Garrel nasceu em 1948, filho de um grande actor, Maurice Garrel, que participa em muitos dos seus filmes, como é o caso em *Sauvage Innocence*, julgo que o seu último filme estreado. A partir de determinada altura, final dos anos 60, Garrel conhece Nico e os seus filmes passam a ser com Nico, sobre Nico, sobre Nico e o seu filho, sobre Nico e Garrel. Tal como os anteriores foram, em parte, com e sobre mulheres, as suas mulheres. E a presença de Nico há-de manter-se nos filmes de Garrel para além da sua relação e para além da morte daquela, sobrepondo-se na vida e nos filmes à vida e aos filmes com as outras mulheres que vieram depois de Nico, como, por exemplo, Brigitte Spy. Nico vem a morrer misteriosamente, não sei se de overdose, terá afinal caído da bicicleta, no final dos anos 80, em Ibiza.

Deixemos todos os outros seus filmes - Garrel, aos 16 anos, fez uma obra de génio com adolescentes: *Les Enfants Désaccordés*. E alguns dos outros que se seguiram: por exemplo, *Marie Pour Mémoire* (1967), *Le Lit de la Vierge* (1969), *La Cicatrice Intérieure* (1970-71)... Todos eles dedicados em parte (em parte?) aos três corpos fundamentais: o homem, a mulher e a criança.

Sauvage Innocence: nele podemos ver coisas que só podem ser vistas nos filmes de Garrel. Que filme é este? É um filme sobre o filme. É um filme sobre alguém que quer fazer um filme, sobre alguém que faz um filme, sobre o que se passa ao querer fazer e ao fazer o filme, sobre as consequências disso.

É um filme sobre a relação de duas pessoas. É um filme sobre a relação de duas pessoas onde permanece, trazida por uma delas, a relação anterior, onde uma delas sobrepõe a pessoa anterior à pessoa actual, e isto quer no filme que ambas fazem, quer nas suas vidas. (Presença ainda da história de Nico: «outra vez um filme sobre Carole?», pergunta o pai da personagem que quer fazer o filme, interpretada por Maurice Garrel, pai do realizador do filme que efectivamente vemos no ecrã.) É por isso um filme sobre a *substituição* - e sobre as consequências da substituição. A substituição traz consequências, dado que não é impunemente que se substitui uma pessoa a outra. Nada se substitui: somos obrigados a dar saltos. Ou damos ou não damos. É por isso também um filme sobre o tempo, sobre o seu paradoxo constituinte: o tempo é o que permanece e o que constantemente deixa para trás.

É um filme sobre o cinema. Sobre o que fazemos quando vemos um filme, na medida em que estamos sempre a operar um conjunto de substituições e sobreposições. Sobre aqueles que fazem filmes: todo o artista é inevitavelmente

apanhado entre a realidade da vida e a realidade da imagem. E parece não haver saída aí, dado que é necessário não sair da arte, mas também não sair da vida para se fazer um filme. E ao mesmo tempo (parece o contrário, mas é a mesma coisa) é necessário sair da arte e sair da vida, sair da vida para a arte e sair da arte para a vida. O máximo de artificio e o máximo de autenticidade.

É um filme sobre o cinema também por causa do dinheiro. As imagens do cinema são imagens caras e o cinema é obrigado a manter uma relação fundamental com o dinheiro, mesmo quando é pobre. Relação que é feita de luta, mas uma luta necessária, dado que o facto de as imagens serem caras não leva a que se tornem cada vez mais essenciais, muito pelo contrário, leva a que se tornem cada vez mais inúteis.

Coisas deste filme que só há assim no Garrel. Certos diálogos onde vemos somente quem está a ouvir - o que torna desde logo a imagem verdadeiramente audiovisual, na medida em que a imagem (visual) nos desperta a atenção do ouvido (audio), separando-os. Os vários modos como o som *fecha* a imagem na passagem de um plano a outro. A necessidade, não do *fade-in* ou do *fade-out*, mas de um breve intervalo de cinzento entre um plano e outro.

Os momentos prolongados em que as personagens andam, caminham pelas ruas, devolvendo-nos o tempo de andar, o que se pensa e o que se é a andar. Andar sozinho na rua, ou acompanhado em amor ou amizade, é qualquer coisa de fundamental para cada um - é um momento único de pensamento e de existência individual. Tal como é um momento único de existência quando se está na cama. Estar na cama, simplesmente, em momentos simples. E em Garrel as personagens são filmadas durante muito tempo na cama, muito se passa na cama, mas não, como na maior parte dos filmes, de uma maneira muito determinada, quando estão lá com alguém em acções típicas ou por doença (cama conjugal, cama do sexo, cama clínica).

As longas histórias pessoais que, em determinada altura, em certos momentos de distensão, as personagens começam a contar. Há pelo menos um ou dois momentos desses neste filme. Trata-se de um segredo que é próprio a Garrel. Também o tempo necessário a que as pequenas percepções e as pequenas emoções se desenvolvam no ecrã. Várias situações deste tipo no filme, que dependem de uma análise de certos momentos comuns da vida, aparentemente superficiais, mas onde tudo se resolve, e que revelam o extraordinário director de actores que Garrel é.

Uma carta (mas há mais que uma) que é escrita e lida, ouvida por nós enquanto vemos a destinatária a dormir. Efeito extremamente belo e verdade profunda: quando escrevemos a alguém, escrevemos sempre a alguém que *está a dormir*. E as várias indistincões nas cenas de rodagem do filme entre o filme que está a ser rodado dentro do filme e o filme que estamos a ver - sobretudo a passagem sempre perturbadora de um a outro.

[Hotel do Elevador, Bom-Jesus, Braga, 27 de Novembro de 2004.] <

*{Programação da responsabilidade de Edmundo Cordeiro}

exibição

02 | dezembro | 04
18h00
cinubiteca
{anf.1}

